



Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas

Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Letras, Linguística e Artes: Perspectivas
Críticas e Teóricas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L649	Letras, linguística e artes: perspectivas críticas e teóricas [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader. Modo de acesso: World Wide Web. Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-377-4 DOI 10.22533/at.ed.774190506 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. II. Série. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Pensar nas discussões referentes ao ensino linguagem na escola significa criar as possibilidades de reflexão aos sujeitos em uma proposta interacional com as mudanças que ocorrem constantemente na sociedade.

A identidade deste livro caracteriza os trabalhos organizados como necessários ao processo de formação dos indivíduos. Sendo assim, nesta coletânea são apresentados quarenta estudos aos interlocutores atentos com as mudanças literárias, artísticas e sociais.

No primeiro capítulo, os autores compreendem as estratégias de incentivo à leitura de professores de Língua Portuguesa, de vários níveis da educação básica e com diferentes períodos de atuação. O segundo capítulo, por sua vez, discute e analisa o poema *Profundamente*, de Manuel Bandeira e o cotidiano que adquire significação simbólica no poeta. No terceiro capítulo, os autores identificam e estudam as danças e folguedos tradicionais brasileiros a partir da temática gênero.

A autora do quarto capítulo analisa a aprendizagem da escrita em português do sujeito surdo e as implicações na trajetória social. No quinto capítulo, o gênero textual Capa de CD é analisado pelos autores e no sexto capítulo o autor define discursivamente o conceito de gramática histórica, partindo da concepção clássica estabelecida por Ismael Coutinho com as abordagens de outros linguistas.

No sétimo trabalho, os autores discutem e refletem sobre as questões ortográficas no ensino do texto, perpassando por todas as etapas da feitura textual, além disso, analisam algumas produções. No oitavo capítulo, as autoras abordam a importância do professor na alfabetização das crianças de três a nove anos, sendo observada a necessidade do uso da fonética e fonologia no aprendizado do aprendiz. O autor do nono capítulo analisa a interação multilateral no ensino presencial mediado pela tecnologia do gênero discursivo digital videoconferência em aulas de linguagens para o ensino médio.

No décimo capítulo, os autores analisam a linguagem dos alunos em atividades de escrita colaborativa em um blog educacional para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa. No décimo primeiro capítulo, as autoras intencionam trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como pretendem lançar alguns olhares sobre a adolescência, etapa delicada na formação do sujeito. No décimo segundo capítulo, as autoras apresentam resultados parciais de uma pesquisa cuja finalidade parte da avaliação de uma unidade didática à luz dos gêneros textuais.

No décimo terceiro capítulo, a autora estabelece um diálogo entre a Análise do Discurso de linha francesa e o ensino de leitura de textos em língua materna. As autoras do décimo quarto capítulo analisam o vínculo intersemiótico de texto multimodal, em uma seção de leitura de um livro didático de Língua Portuguesa, dos anos finais do ensino fundamental. No décimo quinto capítulo, as autoras analisam as repercussões

que as avaliações externas apresentam na rotina da equipe pedagógica.

As autoras do décimo sexto capítulo compreendem o estabelecimento de um diálogo entre as mídias digitais e a formação do leitor. No décimo sétimo capítulo as autoras descrevem e analisam uma unidade didática do livro didático de Língua Estrangeira do Estado do Paraná para o ensino médio. No décimo oitavo capítulo o autor analisa as interações culturais entre cristãos e pagãos a partir do romance histórico *O Último Reino*, de Bernard Cornwell.

No décimo nono capítulo as autoras abordam o significado de nudez a partir de uma visualidade literária. No vigésimo capítulo, os dicionários monolíngues de aprendizes são o foco de análise e investigação. No vigésimo primeiro capítulo, os autores investigam a existência das figuras que desempenham tais papéis na obra *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Márquez.

No vigésimo segundo capítulo, os autores transitam entre definir e indefinir o conceito de espaço, ao mesmo tempo, que diferenciam de ambiente. No vigésimo terceiro capítulo são identificadas e analisadas algumas semelhanças e diferenças entre a obra literária *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector. No vigésimo quarto capítulo a autora problematiza as danças de fanfarras, a partir de uma leitura crítico-reflexiva.

No vigésimo quinto capítulo é feita uma breve leitura analítica e interpretativa da narrativa do romance *Leite derramado*, de Chico Buarque. No vigésimo sexto capítulo uma análise de representações visuais é apresentada ao leitor. No vigésimo sétimo capítulo, os autores analisam, nos escritos montellianos, como se manifestam as identidades católica e protestante.

No vigésimo oitavo capítulo é apresentado um estudo sobre as estratégias de polidez linguística no discurso político de candidatos a prefeitos do município de Mocajuba. No vigésimo nono capítulo as autoras comungam de concepções discursivas advindas da Análise do Discurso e dos estudos culturalistas. No trigésimo capítulo, os autores problematizam o uso da internet a partir das habilidades de leitura e escrita.

No trigésimo primeiro capítulo, os autores relatam um projeto de extensão, com a função valorizar a cultura gaúcha, disseminado e promovendo-a entre a comunidade acadêmica. No trigésimo segundo capítulo, as autoras refletem sobre uma proposta de material didático pautada na observação dos usos da língua. No trigésimo terceiro capítulo, as autoras verificam a força das questões culturais, dos mitos, dos coloridos da mata em uma proposta interdisciplinar a partir de uma letra de canção.

No trigésimo quarto capítulo, a autora discute a temática letramento na concepção da aprendizagem semiótica. No trigésimo quinto capítulo a autora apresenta uma estratégia de aprendizagem de comprovado êxito em uma instituição escolar, localizada no município de Três Lagos – MS. No trigésimo sexto capítulo investigam-se as relações existentes entre a psicanálise e literatura, como o inconsciente desvela-se no discurso literário, tendo como *corpus* algumas obras literárias de Clarice Lispector.

No trigésimo sétimo capítulo, os autores discutem a formação da identidade

literária juvenil a partir de uma constituição poética. No trigésimo oitavo capítulo, a autora investiga através de trabalhos publicados como a ANPOLL promove um diálogo multicultural entre Brasil, Rússia, China, Índia e África do Sul. No trigésimo nono capítulo averigua-se o percurso da figuração do estrangeiro em dois romances e, por fim, no quadragésimo capítulo, os autores contribuem reflexivamente com o ensino de gêneros textuais na modalidade escrita nas aulas de língua estrangeira e, por fim, no quadragésimo primeiro capítulo os autores associam o uso da plataforma Facebook em um processo dialógico destino aos alunos no contexto contemporâneo escolar.

Todos os autores ampliam as reflexões presentes nesta obra e revelam as razões de demonstrarem os conhecimentos aos interlocutores desta coletânea. Assim, esperamos que os leitores encontrem nos variados trabalhos os questionamentos capazes de problematizar outros e novos conhecimentos.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“ELES NÃO GOSTAM DE LER”: ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE INCENTIVO À LEITURA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Isabela Giacomini	
Laila Wilk Santos	
Lucas Arruda Tacla	
Theodora Rosskamp Kalbusch	
Rosana Mara Koerner	
DOI 10.22533/at.ed.7741905061	
CAPÍTULO 2	17
‘PROFUNDAMENTE’ EM MANUEL BANDEIRA: UM OLHAR INTERPRETATIVO	
Vitor Hugo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7741905062	
CAPÍTULO 3	28
“BRINCANDO DE SER MULHER”: UM ESTUDO SOBRE TRAVESTILIDADES NAS DANÇAS E FOLGUEDOS TRADICIONAIS BRASILEIROS	
José Roberto do Nascimento Junior	
Ana Cecília Vieira Soares	
DOI 10.22533/at.ed.7741905063	
CAPÍTULO 4	36
A APRENDIZAGEM DA ESCRITA E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA DO SUJEITO SURDO	
Miriam Maia de Araújo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905064	
CAPÍTULO 5	47
A FOTOGRAFIA COMO COMUNICAÇÃO, EXPRESSÃO E ARTE: UMA ANÁLISE DA CAPA DO CD CORAÇÃO DE JOHNNY HOOKER	
Renan da Silva Dalago	
Altamir Botoso	
DOI 10.22533/at.ed.7741905065	
CAPÍTULO 6	57
A GRAMÁTICA HISTÓRICA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Adílio Junior de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7741905066	
CAPÍTULO 7	70
ORTOGRAFIA NO ENSINO DO TEXTO	
Ivan Vale de Sousa	
Maria Elizete Melo de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7741905067	

CAPÍTULO 8	82
A IMPORTÂNCIA DA ARTICULAÇÃO DO PROFESSOR NA ALFABETIZAÇÃO DAS CRIANÇAS DE 3 A 9 ANOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	
Letícia Saminez da Silva Jaina Milhomem Rezende Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.7741905068	
CAPÍTULO 9	93
A INTERAÇÃO MULTILATERAL NO ENSINO DE LINGUAGENS MEDIADO PELA TECNOLOGIA DO GÊNERO DISCURSIVO DIGITAL VIDEOCONFERÊNCIA	
Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.7741905069	
CAPÍTULO 10	108
A LINGUAGEM DOS ALUNOS NA ESCRITA COLABORATIVA EM <i>BLOG</i> EDUCACIONAL PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA	
Jaqueline Silva Santos Naziozênio Antonio Lacerda	
DOI 10.22533/at.ed.77419050610	
CAPÍTULO 11	124
ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES	
Maria Rute Depoi da Silva Marcele Pereira da Rosa Zucolotto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050611	
CAPÍTULO 12	132
ALFABETIZAÇÃO E CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA: UMA ABORDAGEM PELOS GÊNEROS TEXTUAIS	
Luci Piletti Niedermayer Carmen Teresinha Baumgartner	
DOI 10.22533/at.ed.77419050612	
CAPÍTULO 13	144
ANÁLISE DO DISCURSO E FORMAÇÃO DO LEITOR	
Eliana Alves Greco	
DOI 10.22533/at.ed.77419050613	
CAPÍTULO 14	151
APLICAÇÃO DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL NA ANÁLISE DE UM TEXTO MULTIMODAL	
Jeniffer Streb da Silva Noara Bolzan Martins	
DOI 10.22533/at.ed.77419050614	
CAPÍTULO 15	159
AS AVALIAÇÕES EXTERNAS E SUAS REPERCUSSÕES NA ROTINA DA EQUIPE PEDAGÓGICA	
Letícia Mendonça Lopes Ribeiro Priscila Adriana Silva Sacramento Janaína Arostilde Belmiro	
DOI 10.22533/at.ed.77419050615	

CAPÍTULO 16	172
AS CRIANÇAS DA ERA DAS MÍDIAS DIGITAIS E SUAS RELAÇÕES COM A LEITURA LITERÁRIA	
Francisca Rodrigues Lopes	
Elizangela Silva de Sousa Moura	
Liliane Rodrigues de Almeida Menezes	
DOI 10.22533/at.ed.77419050616	
CAPÍTULO 17	182
AS FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES	
Eliana Santiago Gonçalves Edmundo	
Ana Paula de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050617	
CAPÍTULO 18	199
AS RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE VIKINGS E SAXÕES DO OESTE NA OBRA O ÚLTIMO REINO DE BERNARD CORNWELL	
Lucas Luiz Oliveira Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050618	
CAPÍTULO 19	208
ATRAVÉS DE LINHAS E MANCHAS PULSAM AS SENSações: A PINTURA DE LUCIAN FREUD E O DESNUDAMENTO DO SER	
Rochele Maria Borelli	
Bernadette Maria Panek	
DOI 10.22533/at.ed.77419050619	
CAPÍTULO 20	220
CAPACIDADES E LIMITAÇÕES DOS DICIONÁRIOS DE APRENDIZES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Laura Campos de Borba	
DOI 10.22533/at.ed.77419050620	
CAPÍTULO 21	236
“CEM ANOS DE SOLIDÃO”, DE GABRIEL GARCIA MÁRQUEZ : A TEORIA DAS PERSONAGENS	
Matheus Luamm Santos Formiga Bispo	
Milena Menezes Santos	
DOI 10.22533/at.ed.77419050621	
CAPÍTULO 22	245
DA CONSTRUÇÃO À RECONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: O ESPAÇO CONFIDENCIAL EM <i>CABIDELIM</i> , <i>O DOCE MONSTRINHO</i> , DE SYLVIA ORTHOF	
Luciana Petroni Antikeira Chirzóstomo	
Wagner Corsino Enedino	
DOI 10.22533/at.ed.77419050622	
CAPÍTULO 23	255
DA LITERATURA PARA O CINEMA: A ADAPTAÇÃO DA OBRA A HORA DA ESTRELA	
Ray da Silva Santos	
Débora Wagner Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050623	

CAPÍTULO 24	270
DANÇAS DE FANFARRAS: UMA LEITURA CRÍTICA	
Erika Kraychete Alves	
DOI 10.22533/at.ed.77419050624	
CAPÍTULO 25	274
DECADÊNCIA E MEMÓRIA EM LEITE DERRAMADO, CHICO BUARQUE	
Dulce Maurilia Ribeiro Borges	
DOI 10.22533/at.ed.77419050625	
CAPÍTULO 26	287
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES MULTIMODAIS DO MOVIMENTO “PANELAÇO” NO CONTEXTO POLÍTICO DO BRASIL	
Juliana Ferreira Vassolér	
Eni Abadia Batista	
DOI 10.22533/at.ed.77419050626	
CAPÍTULO 27	304
ENTRE A FÉ E OS CONFLITOS: AS FACES DA IDENTIDADE CRISTÃ EM OS DEGRAUS DO PARAÍSO, DE JOSUÉ MONTELLO	
Thiago Victor Araújo dos Santos Nogueira	
Paloma Veras Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.77419050627	
CAPÍTULO 28	317
ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ LINGUÍSTICA NO DISCURSO POLÍTICO DE CANDIDATOS A PREFEITOS DO MUNICÍPIO DE MOCAJUBA-PA	
Elber José Alves Corrêa	
Benedita Maria do Socorro Campos de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.77419050628	
CAPÍTULO 29	328
ÍNDIO SURDO E EDUCAÇÃO BÁSICA EM SUAS (DES)IDENTIFICAÇÕES: UM ESTUDO DE CASO	
Michelle Sousa Mussato	
Claudete Cameschi de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.77419050629	
CAPÍTULO 30	343
INTERNET, LEITURA E ESCRITA:UM DESAFIO MEDIADO PELO PROFESSOR DE LÍNGUA ADICIONAL	
Daiane Ventorini Pohlmann Michelotti	
Virginia Ponche Barbosa	
Alessandro Carvalho Bica	
DOI 10.22533/at.ed.77419050630	

CAPÍTULO 31	352
INVERNADA ARTÍSTICA CHÃO BATIDO – CULTIVANDO A TRADIÇÃO GAÚCHA: UM PROJETO DE EXTENSÃO REALIZADO EM 2016	
<p>Ana Paula Palharini Daniel Verbes Padilha Deise Pieniz Casagrande Maico Mantovani Tolfo Mylla Keenan Acosta Maiara Bertl</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050631	
CAPÍTULO 32	356
LEITURA E PRODUÇÃO DE SENTIDO NA INTERFACE DOS GÊNEROS DIGITAIS E DA MULTIMODALIDADE	
<p>Nágida Maria da Silva Paiva Iara Ferreira de Melo Martins Ana Cláudia Soares Pinto</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050632	
CAPÍTULO 33	369
LETRA DA CANÇÃO: “SAGA DA AMAZÔNIA”: UM OLHAR INTERDISCIPLINAR	
<p>Márcia Antonia Guedes Molina Valéria Angélica Ribeiro Arauz</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050633	
CAPÍTULO 34	382
LETRAMENTOS E APRENDIZAGEM SEMIÓTICA: POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE CIDADÃOS NA ESCOLA	
<p>Áurea Maria Brandão Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050634	
CAPÍTULO 35	392
LITERATURA E OUTRAS ARTES: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	
<p>Vitória Regina Xavier da Silva</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050635	
CAPÍTULO 36	406
LITERATURA E PSICANÁLISE: A PRESENÇA DO INCONSCIENTE NA ESCRITA DE CLARICE LISPECTOR	
<p>Ray da Silva Santos Sara Goretti Ferreira Daiane Menezes Santos</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050636	
CAPÍTULO 37	419
LITERATURA JUVENIL E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE EM “ <i>CECÍLIA QUE AMAVA FERNANDO</i> ”: CONHECENDO A SI ATRAVÉS DO OUTRO	
<p>Eliene da Silva Dias Diógenes Buenos Aires Sandra Helena Andrade de Oliveira</p>	
DOI 10.22533/at.ed.77419050637	

CAPÍTULO 38	431
MAPA DE INSTITUIÇÕES LINGUÍSTICO-LITERÁRIAS NA REVISTA DA ANPOLL	
Mariana Argolo Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.77419050638	
CAPÍTULO 39	443
MAPAS DO ENCONTRO ENTRE O PRÓPRIO E O ALHEIO – CARTOGRAFIAS DA ALTERIDADE NA NARRATIVA DE ADRIANA LISBOA E ANA MIRANDA	
Aina de Oliveira Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.77419050639	
CAPÍTULO 40	456
MATERIAIS DE PRODUÇÃO ESCRITA NO ENSINO DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA – ELE A ALUNOS DO ENSINO MÉDIO	
Carlos Eduardo da Silva	
Cristina Corral Esteve	
DOI 10.22533/at.ed.77419050640	
CAPÍTULO 41	468
AS FACETAS DA CONTEMPORANEIDADE. O DIALOGISMO DIGITAL PARA OS ALUNOS: O FACEBOOK E A POESIA VIRAL	
Regimário Costa Moura	
Ana Cristina dos Santos	
Raquel Araújo Luna	
Rideusa Caroline Correia do Nascimento	
DOI 10.22533/at.ed.77419050641	
SOBRE O ORGANIZADOR	476

ADOLESCÊNCIA E ESCOLA: ALGUNS OLHARES

Maria Rute Depoi da Silva

Universidade Franciscana, Mestrado em Ensino
de Humanidades e Linguagens
Santa Maria – Rio Grande do Sul

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto

Universidade Franciscana, Mestrado em Ensino
de Humanidades e Linguagens
Santa Maria – Rio Grande do Sul

RESUMO: Este texto intenciona trazer pontos relevantes da história da educação e da escola como construção social, bem como se pretende lançar alguns olhares sobre esta etapa tão significativa do desenvolvimento denominada adolescência. Tais aspectos assumem relevância para se refletir acerca da função da escola na sociedade atual e a necessidade de se repensar os processos educativos como também as práticas pedagógicas. Não é intenção esgotar aqui estas discussões, pelo contrário, objetiva-se elencar alguns pontos considerados pertinentes para reflexão de todos os profissionais que estão relacionados ao ensino atualmente.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Escola; Adolescência; Práticas pedagógicas.

ABSTRACT: This text intends to bring relevant points of the history of education and school as a social construction, as well as if it intends to

throw some glances on this so significant stage of the development called adolescence. These aspects are relevant to reflect on the role of schools in today's society and the need to rethink educational processes as well as pedagogical practices. It is not intended to exhaust these discussions here, on the contrary, it aims to list some points considered pertinent for reflection of all the professionals that are related to the current teaching.

KEYWORDS: Education; School; Adolescence; Pedagogical practices.

1 | INTRODUÇÃO

A temática deste trabalho, adolescência e escola, é de extrema relevância para todos que estejam de alguma forma envolvidos com a educação. Conhecer esta etapa do desenvolvimento humano e refletir sobre alguns aspectos da estreita relação entre os adolescentes e a escola, viabiliza perceber e considerar os possíveis significados que este espaço produz na vida de tais sujeitos.

Neste sentido, acredita-se que o assunto aqui abordado se constitui de suma importância para a formação de educadores. Visto ser este um período de intenso desenvolvimento cognitivo, de muita criatividade e de alargamento das relações sociais para os jovens (OUTEIRAL,

2008), mas que, muitas vezes, traz também inquietações e angústias para tais profissionais no desenvolver de suas práticas.

É justamente porque a adolescência configura-se neste momento de extremas e importantes mudanças, que a escola, muitas vezes, tem dificuldades em considerar todas estas questões. Este tempo tão ímpar da vida humana oportuniza repensar inclusive a forma com que os educadores conduzem suas práticas e desenvolvem suas abordagens para com esses sujeitos em formação.

Para tanto, no início deste estudo serão abordados brevemente alguns aspectos da história da educação e da escola e como ambas foram se constituindo socialmente. Em um segundo momento serão trazidos alguns autores, principalmente da área da psicologia, para propiciar a discussão sobre a adolescência enquanto construção social e etapa de significativo desenvolvimento para os jovens. E, por fim, serão propostas algumas reflexões sobre as relações entre escola e adolescentes, com o intuito de subsidiar o necessário (re)pensar dos processos educativos.

2 | ADOLESCÊNCIA E ESCOLA

As instituições escolares necessitam conhecer e compreender os seus sujeitos a fim de ser possível pensar suas práticas. Com isso, torna-se relevante abordar aspectos históricos da educação e da escola como construção social, sendo oportuno, ainda, lançar alguns olhares sobre este importante período da vida humana chamado adolescência, e refletir sobre alguns pontos das relações entre os adolescentes e a escola.

2.1 Uma breve contextualização histórica da educação e da escola

De acordo com Aranha (2006), as primeiras ações educativas remetem às comunidades tribais, do período pré-histórico, na chamada educação difusa. Este tempo que antecede a escrita, os mitos, costumes e ritos são transmitidos por meio da oralidade. A formação é integral e universal, pois abrange todos da comunidade, esta acontece no aprendizado das crianças imitando os adultos, em suas atividades diárias e seus rituais, sem que necessariamente alguém possua a tarefa específica de ensinar.

O aparecimento das cidades e as transformações técnicas, aliadas às mudanças ocorridas com o surgimento do comércio alteraram as relações humanas e sociais o que resultou a necessidade da escrita, principalmente como forma de administração dos negócios. A organização social antes homogênea cede lugar à hierarquização, constituída em classes, aparecem assim o trabalho escravo e servil (ARANHA, 2006). Neste contexto:

Finalmente o saber, antes aberto a todos, tornou-se patrimônio e privilégio da classe dominante. Nesse momento surgiu a necessidade da escola, para que

apenas alguns iniciados tivessem acesso ao conhecimento. Se analisarmos atentamente a história da educação, veremos como a escola, ao elitizar o saber, tem desempenhado um papel de exclusão da maioria (ARANHA, 2006, p. 36).

Diante disso, é possível compreender as raízes históricas de como a escola surge na sociedade, como instituição reservada à elite, o saber antes pertencente a todos passou a ser restrito somente a alguns. Estas novas formas de viver em sociedade, dividida pela hierarquia da riqueza e do poder acarretaram mudanças significativas para educação que deixou de ser acessível a todos (ARANHA, 2006).

Cabe, portanto, trazer alguns aspectos de como a atividade educativa formal constituiu-se em nosso país. Segundo Paiva (1987), pode-se considerar como início das primeiras atividades educativas no Brasil a chegada dos jesuítas com o objetivo de cristianizar os indígenas, impondo-lhes, a pedido da Coroa Portuguesa, os padrões da civilização ocidental. Com a adoção do regime escravagista os negros também foram objetos de catequização, de maneira não formal.

Em meados de 1824 é outorgada a primeira Constituição Imperial no Brasil que trata o ensino primário na forma de lei. A instrução primária é gratuita a todos os cidadãos. Porém, esta cidadania é restrita aos livres e libertos, isso em um país pouco povoado, de caráter agrícola, esparsa e escravocrata (BRASIL, 2000). Mas as leis tratavam do assunto de forma pouco substancial, pois a educação escolar não era encarada como prioridade política.

Na primeira Constituição Republicana (1891), é retirada referência à gratuidade ao ensino, além de condicionar o voto à alfabetização, isso em um país de maioria analfabeta. Esta Lei abriu mão da organização nacional da educação, deixando como competência dos Estados (PAIVA, 1987).

A Constituição Brasileira de 1934 apresenta-se como um marco educacional, referendando a educação como “[...] direito de todos e deve ser ministrada pela família e pelos Poderes Públicos [...]” (BRASIL, 1934, Art. 149). Também, é a primeira vez que aparecem juntos princípios que tratam da gratuidade e obrigatoriedade do ensino de primeiro grau: “ensino primário integral gratuito e de frequência obrigatória extensivo aos adultos” (BRASIL, 1934, Art. 150 § único). Apesar da existência desta prerrogativa, grande parte dos brasileiros encontrava-se, e ainda permanece, à margem desta realidade.

Tomando como base estes dados históricos, observa-se que a educação brasileira e por consequência a escola como espaço formal, atenderam, desde sempre aos interesses da elite, além de um claro descaso por parte dos poderes públicos em relação às leis e políticas públicas realmente a serviço de todos os cidadãos.

Nas décadas de 50 e 60, surgem importantes movimentos de educação e cultura popular, em sua maioria inspirados em Paulo Freire, sendo que este chegou a integrar, em 1963, um grupo para elaboração do Plano Nacional de Alfabetização. Tais movimentos, porém, foram interrompidos pelo Golpe Militar (1964), visto que esses grupos propunham a conscientização, participação e transformação social como

alternativas para a educação brasileira (PAIVA, 1987).

Segundo Paiva (1987), com a ditadura militar, que se estendeu de 1964 a 1985, a educação brasileira sofre mais um revés. Este período foi marcado pelo estímulo a uma educação meramente tecnicista, com vistas a atender a demanda do mercado, muitas vezes em função de interesses econômicos internacionais. Isso se revela, novamente, na tentativa de extermínio do pensamento crítico que anteriormente começava a ser suscitado, e por consequência um descaso com o ensino de humanidades nas escolas.

Somente com a redemocratização, na Constituição Federal de 1988 podem-se perceber significativos avanços, como trata o Art. 205, “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família [...]” (BRASIL, 2010, p. 136) e ainda no Art. 208 “[...] educação básica obrigatória [...] assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria” (BRASIL, 2010, p. 136).

Com base no exposto, pode-se identificar que o processo educacional brasileiro e a constituição da escola sofreram historicamente poucos avanços e muito retrocesso. Desde o descaso do Estado com a formação de seus cidadãos, a morosidade legal para uma Legislação Educacional Brasileira, um período de regime ditatorial, e a constituição de uma escola do conhecimento para as classes abastadas e outra do acolhimento social para os pobres, aspectos esses que favoreceram a reprodução e a manutenção das desigualdades sociais, enfrentadas até hoje (LIBÂNEO, 2012).

Os aspectos até aqui observados tornam-se relevantes para que se possa conhecer como este espaço, chamado escola, foi constituído na sociedade, bem como trazer algumas reflexões sobre o papel e as relações da educação formal no decorrer da organização histórica social. Tais considerações podem auxiliar a todos os envolvidos nos processos educativos na compreensão das relações entre adolescência e escola na atualidade.

2.2 A adolescência, os adolescentes

Após algumas considerações sobre o processo histórico da educação e sua organização escolar, realizadas no item anterior, este tópico pretende apresentar alguns aspectos sobre a construção social deste importante período da vida hoje denominado de adolescência.

Segundo Ariès (1981) a adolescência, com suas especificidades, é uma construção moderna, sendo que “até o século XVIII, a adolescência foi confundida com a infância” (ARIÈS, 1981, p. 41). A juventude aparece então desta forma:

A juventude apareceu como depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada. Havia-se experimentado um sentimento semelhante no período romântico, mas sem uma referência tão precisa a uma classe de idade (ARIÈS, 1981, p. 47).

Diante disso, a Psicologia tem significativas contribuições, sendo pertinente trazer para esta discussão Bock; Furtado; Teixeira (2008), que defendem não haver um critério capaz de definir a fase que se estende da puberdade até a idade adulta.

Isso porque, para os autores, a adolescência não se caracteriza por uma fase natural do desenvolvimento humano, “[...] mas um derivado da estrutura socioeconômica e cultural. Em outras palavras, nós não temos adolescência, e sim adolescentes” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 297).

Para Bock; Furtado; Teixeira (2008) adolescentes, porque os critérios que definem esta etapa são construídos através da cultura. É na longa preparação que a sociedade impõe aos indivíduos para a entrada no mundo adulto, a qual constitui o adolescente e suas características psicológicas que irão definir esta fase.

Segundo Bock; Furtado; Teixeira (2008), a Psicologia Sócio Histórica pode auxiliar ao realizar uma leitura crítica da adolescência, ao concebê-la como uma construção da modernidade que se constituiu através das necessidades e formas de vida impostas às crianças e aos jovens principalmente pelo surgimento da sociedade industrial no ocidente. A revolução industrial acarretou mudanças significativas no mundo e na organização da vida. Os adultos que trabalhavam em casa passaram a ocupar as fábricas e as crianças que aprendiam o ofício de seus pais em casa passaram a ter a necessidade ter um lugar para ficar e aprender a trabalhar, a escola então se apresenta como alternativa (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Nesta época, outro fator relevante, de acordo com Bock; Furtado; Teixeira, (2008), que demandou a necessidade de manter estas “crianças” na escola foi o aumento da expectativa de vida da população frente ao avanço tecnológico. A escola passou a ser um espaço de contenção dos “jovens” para que os mesmos não ocupassem o lugar dos pais no mercado de trabalho. De outro lado, é possível considerar “[...] que a adolescência pode ser entendida também como forma de justificativa da burguesia para manter seus filhos longe do trabalho” (OZELLA, 2002, p. 22).

Tais condições históricas, de organização da sociedade capitalista, possibilitaram o aparecimento deste grupo social com comportamentos semelhantes, favorecidos por esta situação e manifestados por meio da “[...] rebeldia contra o mundo adulto, onipotência, crise de identidade, tendências à construção de grandes planos e projetos de futuro, grupalização e formação de turmas” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 300).

Diante disso, a adolescência como construção histórica e social possibilita considerar que suas características não são naturais e que, portanto, diferenciam-se de sujeito para sujeito, em um processo permanente de transformações. Atribui-se, desta forma, a corresponsabilidade aos adultos nesta configuração (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008).

Novamente reporta-se a Bock; Furtado; Teixeira (2008), ao enfatizar que nem todos os jovens vivem a adolescência ou passam sempre pelo mesmo processo. Já que tudo depende de como são estruturadas suas relações e seu contexto social. Isto por que: “A adolescência não é um período natural do desenvolvimento. É um momento significado e interpretado pelo homem” (OZELLA, 2002, p. 21).

A escola neste contexto assume importante papel. Compreender esta fase

denominada de adolescência é fundamental para entender as relações engendradas entre os sujeitos adolescentes neste espaço formal de educação. Com isso, objetiva-se que tais ponderações colaborem para a educação, em específico ao se considerar os significados que escola possui para estes sujeitos.

3 | METODOLOGIA

Para o presente estudo optou-se pela abordagem qualitativa. Tal opção baseia-se por acreditar que o trabalho científico na área das ciências humanas pressupõe uma relação dinâmica entre pesquisador e objeto de estudo, em que contexto e tempo devem ser considerados, pois seu ambiente é a vida real, e os fatos a serem interpretados são significados sociais (MICHEL, 2015).

Neste sentido, a metodologia deste estudo caracteriza-se por uma revisão bibliográfica, através do aporte teórico de pesquisadores que tratam sobre a história da educação e da escola, também estão presentes neste estudo autores da área da psicologia que trazem contribuições no que diz respeito às relações entre adolescência e escola.

4 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

Intenciona-se aqui trazer algumas apreciações sobre a relação dos adolescentes com a escola. Para Outeiral (2008), a adolescência é permeada pela criatividade devido às grandes transformações deste período. É nesta etapa que se conquista o pensamento formal, a capacidade de simbolização e o pensamento abstrato. Por este motivo, “a escola tem um significado primordial para o adolescente. Conforme o ambiente que ele vivencia, teremos um aprendizado prazeroso e propício, ou distúrbios de conduta e/ou de aprendizagem” (OUTEIRAL, 2008, p. 34).

Frente a esta etapa de significativas mudanças, que contempla características e especificidades próprias muitos profissionais da educação possuem dificuldades em trabalhar com estes adolescentes. A escola necessita dar-se conta que tem diante de si um imenso potencial humano e a possibilidade de desenvolver atividades que gerem conhecimentos, aprendizagens e felicidade aos sujeitos, mas para que isso ocorra precisa estar disposta a (re)conhecer estes estudantes e assim encontrar abordagens que tornem o trabalho significativo para todos.

Tais considerações são necessárias para o trabalho educativo dos diferentes envolvidos neste processo, a saber, gestores, professores, família, comunidade, visto a relevância que a escola assume para os adolescentes. Torna-se pertinente considerar os próprios estudantes nesta caminhada, pois parte-se do pressuposto que:

A função da escola é *educar*, isto é, conforme o significado etmológico da palavra, “colocar para fora” o potencial do indivíduo, oferecendo uma ambientação que

favoreça o desenvolvimento, ao contrário de *ensinar*, que é *in + signo*, ou seja, colocar “signos para dentro do indivíduo”. Evidentemente, quando a criança (e o adolescente) chega à escola, ela tem, além de seus aspectos constitucionais, suas vivências familiares, mas o ambiente escolar será também uma peça fundamental em seu desenvolvimento (OUTEIRAL, 2008, p. 34).

Nesta perspectiva, a importância atribuída à escola para os adolescentes acontece por este espaço assumir características de simulação da vida. A escola não apenas possibilita a relação com o saber, mas como atividade coletiva, grupal, possui funções de socialização (OUTEIRAL, 2008). É possível compreender o quanto a escola tem um papel social na constituição destes indivíduos, não apenas no que se refere à aprendizagem, mas como espaço de formação para a cidadania.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, pode-se perceber como a educação, a escola e a própria adolescência são construções histórico-sociais. Cada uma com suas especificidades, mas que pressupõe uma estreita relação entre si. É pertinente salientar que a escola precisa conhecer esta etapa e considerar as expectativas e realidades destes sujeitos para que possa ser um espaço de construção de conhecimento e de cidadania.

Nos dias atuais, onde as crescentes mudanças científicas e tecnológicas perpassam a vida de todos, sem distinção, os envolvidos com o ensino necessitam assumir seu papel de educadores e (re)pensar e (re)fazer suas práticas pedagógicas para que possam ocupar um lugar de significado na vida dos adolescentes. Significado este que preceda, antes de tudo, a busca pela humanização destes sujeitos, no combate às desigualdades e às injustiças, infelizmente ainda tão presentes na sociedade. Informação se tem acesso, pelos mais diferentes meios que não a escola, mas o conhecimento histórico e social construído, que faz com que cada sujeito se torne capaz de atuar com liberdade e cidadania precisa, essencialmente, da escola como mais um espaço de humanização.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia**: geral e do Brasil. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias**: uma Introdução ao estudo de psicologia. 14. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

BRASIL. Constituição (1934). Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil, 1934. **Diário Oficial**, Brasília, DF, 16 jul. 1934. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao34.htm >. Acesso em 08 mai. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado

Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2010.

BRASIL. Parecer CNE/CEB 11/2000-homologado, 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 09 de jun. 2000. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf1/proeja_parecer11_2000.pdf >. Acesso em 15 mai. 2018.

LIBANÊO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, jan./jun., 2012.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

OUTEIRAL, José. **Adolescer**. 3. ed. Rio de Janeiro: REVINTER, 2008.

OZELLA, Sergio. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, Maria de Lourdes Jefferyn; KOLLER, Sílvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos (Orgs.). **Adolescência e psicologia**: concepções, práticas e reflexões críticas. Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia, 2002.

PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1987.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-377-4

